FEBRAPSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

ANO XIV | RIO DE JANEIRO, ABRIL 2012

NOTÍCIAS

Nº 46

palavras da editora

Nilde Parada Franch

FEBRAPSI Notícias, por meio de seus eixos específicos, dá continuidade à política editorial de informar, noticiar, e especialmente levantar questões e propor temas que convidem a pensar, que propiciem a ampliação de nossas reflexões e nossos pontos de vista.

A Construção do Analista, um dos eixos selecionados, é um tema que me é muito caro desde os inícios de minha participação institucional na SBPSP e na FEPAL. A formação do psicanalista dentro de uma instituição é somente parte dessa construção. Mas, e o antes, os alicerces? Como e quando vão sendo construídos? E a manutenção, a conservação desse edifício, como é realizada? Esses aspectos são abordados na linda "construção" feita por Claudio Eizirik sobre o tema.

Outro eixo que você, leitor, encontrará neste número, é **Inquietações Brasileiras**, cujo tema selecionado foi "O desamparo frente à impunidade". O desamparo essencial do ser humano, tanto frente à força pulsional, quanto em conseqüência de sua falta de recursos para sobrevivência sem o amparo de um Outro, convoca o ser e o outro a uma relação bastante complexa. Assim começa uma história, história dentro da história familiar, do contexto social, cultural, econômico e emocional. Como podemos pensar o desamparo diante da impunidade, do sentimento de des-cuido, de desamparo, de injustiça, de impotência? Maria Olympia França, com seu texto instigante, nos convida a pensar.

No eixo **Aberturas**, Ney Marinho nos brinda com uma belíssima exposição sobre uma proposta em desenvolvimento na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) que tem como foco a saúde mental da população, projeto esse fruto de parceria da SBPRJ com expoentes da vida cultural desses países e apoio da FEBRAPSI.

Em **Entrevista**, o psicanalista brasileiro Leopold Nosek, Presidente da FEPAL, conversa conosco sobre a Federação Latino Americana, seus objetivos e desafios, trazendo informações sobre o Congresso da entidade a ser realizado no mês de outubro em São Paulo. Expõe ainda suas observações e convicções a respeito da Psicanálise na América Latina e no mundo.

André Green. Grande psicanalista. Perda irreparável. Reproduzimos entrevista publicada pelo jornal LE MONDE em homenagem a ele.

O editor da **Revista Brasileira de Psicanálise**, Bernardo Tanis, compartilha conosco algumas idéias sobre Ética e Psicanálise, tema do próximo volume da revista.

Em **Destaques** o leitor encontrará notícias sobre o XXIV Congresso Brasileiro e a posse da nova diretoria da Associação Brasileira de Candidatos.

Veja os principais **eventos** nacionais e internacionais aqui noticiados! Inauguramos a seção **Leitor**, aguardando comentários e sugestões de nossos leitores.

A nova equipe editorial espera que vocês, leitores, possam usufruir da leitura deste jornal.

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

"E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido?
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção."

O analista em construção
Cláudio Laks Eizirik

pág.4

"A impunidade, associada ao desrespeito à dignidade humana, tão banalizada em nossos tempos...fere frontalmente o direito de voz autônoma de cada ser vivente"

O desamparo em face da impunidade
Maria Olympia França

pág.14

"A Psicanálise não pode avançar em sua reflexão, se não proceder a uma investigação sobre o nascimento e a evolução dos conceitos contemporâneos"

André Green - psicanalista, artesão de um diálogo com o conjunto das ciências humanas.
Pierre Goubert

pág.3

Um mundo que fala a nossa língua
Ney Couto Marinho

pág.8

Entrevista
Leopold Nosek

pág.11

palavras da presidente

Gleda Brandão Coelho Martins de Araujo

Neste primeiro número do jornal sob a responsabilidade da atual gestão da FEBRAPSI quero agradecer a todos os colegas brasileiros a confiança depositada nesta diretoria que recém inicia seus trabalhos. Um especial agradecimento ao colega e ex-presidente Leonardo Francischelli pela disponibilidade e generosidade de participar da primeira reunião logo após a posse do novo Conselho Diretor, dividindo conosco informações pertinentes.

Quero agradecer também aos colegas que aceitaram meu convite para a difícil e desafiadora tarefa de administrar a nossa Federação por dois anos.

Desde sua posse em novembro passado, a diretoria tem se reunido mensalmente objetivando traçar metas de trabalho para os próximos meses.Em 10 de março, sob a coordenação do Diretor Científico Admar Horn, o Conselho Científico composto pelos representantes científicos de todas as federadas reuniu-se em Campo Grande, sede do próximo congresso brasileiro, com o propósito de discutir e definir o tema do Congresso de 2013. A reunião transcorreu em clima vivo, criativo e produtivo, com intensa participação dos presentes, e levou à escolha do tema oficial do **XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise: Ser Contemporâneo: Medo e Paixão.** Tema impactante e instigante, nos convida a inúmeras reflexões, já que sua escolha foi inspirada no artigo de Freud "Totem e Tabu" que em 2013 completará 100 anos, e que representou a primeira contribuição de Freud à antropologia social, e que contém conceitos de importância para a teoria e clínica psicanalíticas até os dias atuais.

Também nessa data tomou posse a nova diretoria da Associação Brasileira de Candidatos, composta por candidatas do Instituto de Psicanálise da SPMS.

Nos dias 27 e 28 de abril o Conselho de Presidentes da FEPAL se reunirá em Montevidéu, tendo a presença da presidente da FEBRAPSI como convidada. Antes do início dos trabalhos do Conselho, esta Presidente se reunirá com os presidentes das Sociedades brasileiras, e com os dois representantes brasileiros no *board* da IPA, visando discutir pontos de interesse da psicanálise brasileira, e buscar equilíbrio e consenso para as discussões que se seguirão.

Em 2012 a FEBRAPSI apoiará e participará de eventos promovidos pelas Federadas em Maceió, Recife, Campo Grande, Fortaleza e Belo Horizonte.

Temos pela frente muitos desafios e projetos: tornar nossa Federação cada vez mais profissionalizada e com maior capacidade de atender às federadas; aprimorar o nosso site tornando-o mais ágil e atraente; perseguir um formato deRoster que seja completo e fidedigno; manter a política de expansão da psicanálise; incrementar o diálogo com as universidades; enfrentar os desafios da nossa profissão assegurando e ampliando nossa participação no movimento da Articulação, e realizar nosso Congresso em Campo Grande com a ajuda e a participação expressiva de todas as federadas.

Portanto, muito trabalho pela frente. Abraços calorosos e até nosso próximo número.

Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS)

FEDERADAS E PRESIDENTES

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) Plínio Montagna
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) Judit Letsche
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) Bernard Miodownik
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre(SPPA) Viviane Sprinz Mondrzak
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPR) Maria Arleide da Silva
Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB) Luciano Wagner Guimarães Lirio
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) Helena Ardaiz Surreaux
Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel) José Francisco Rotta Pereira
Sociedade Psicanalítica de Ribeirão Preto (SPRP) Ana Rita Nuti Pontes
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ RIO 4) Rosa Raposo Albé
Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS) Lenita Osório Nogueira Araujo
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG) Sérgio Kehdy
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG) Delza Maria da Silva Ferreira de Araujo
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFor) Valton Miranda Leitão
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas) Hang Ly H. de Ikegami Rochel

NÚCLEOS

Núcleo Psicanalítico de Curitiba
Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
Núcleo Psicanalítico de Natal
Núcleo Psicanalítico de Maceió
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
Núcleo Psicanalítico de Aracajú
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina

DELEGADOS

Alírio Dantas Jr.
Ana Rita Nuti Pontes
Ana Paula Terra Machado
Bernard Miodownik
Christine Marques Castro Vinhas
Cláudio Campos
Delza Maria da Silva Ferreira de Araújo
Eleonora Abbud Spinelli
Hang Ly H. de Ikegami Rochel
Helena Ardaiz Surreaux
Humberto da Silva Menezes Jr.
José Francisco Rotta Pereira
Judit Letsche
Lenita Nogueira Osório Araujo
Luciano Wagner Guimarães Lirio
Maria Arleide da Silva
Maria de Fátima Chavarelli
Maria Lucimar Fortes Paiva Defino
Nelson José Nazaré Rocha
Paulo Marchon
Paulo Quinet de Andrade
Plínio Montagna
Ronaldo Mendes de Oliveira Castro
Rosa Raposo Albé
Sebastião Abrão Salim
Sérgio Kehdy
Valton Miranda Leitão
Viviane Sprinz Mondrzak
Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

ANDRÉ GREEN

PSICANALISTA, ARTESÃO DE UM DIÁLOGO COM O CONJUNTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS

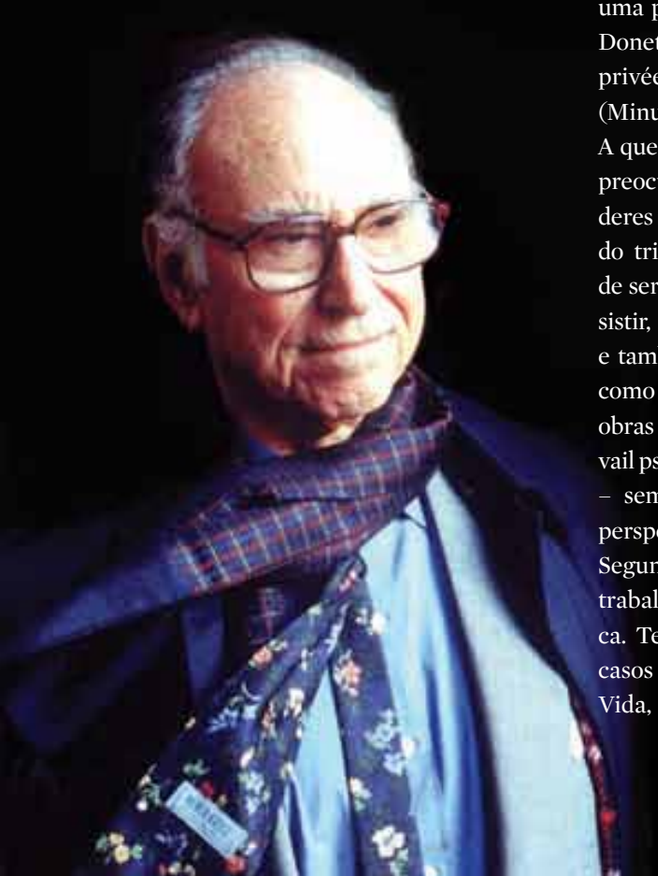
LE MONDE, 25 janeiro 2012

PIERRE GOUBERT

Nascido em 12 de março no Cairo, o psicanalista André Green faleceu em seu domicílio parisiense no domingo, 22 de Janeiro.

Não era um psicanalista igual aos outros. Não se contentava em ser um grande clínico, terapeuta prudente, pilar de instituições francesas e internacionais. O que o caracterizava era principalmente uma persistência inventiva e obstinada para pensar o depois de Freud, para fazer evoluir essa via singular que abrira em busca de um diálogo constante, aberto, atento, exigente, com as mais diversas preocupações das ciências humanas.

"A Psicanálise não pode avançar em sua reflexão, se não proceder a uma investigação sobre o nascimento e a evolução dos conceitos contemporâneos", afirmou Green a Le Monde, em entrevista publicada em 2003. Essa convicção resume o essencial do que foi, durante mais de meio século, seu programa de trabalho. Levou-o, nos seus quase trinta livros e em inúmeros artigos, conferências e seminários, a confrontar as "ideias diretrizes" da psicanálise, com as da filosofia, da linguística, das neurociências e da antropologia.



O longo percurso de André Green começou no Egito, onde passou sua primeira juventude e onde fez seus estudos no Liceu francês do Cairo.

Em 1946, com 19 anos, foi viver em Paris para estudar Medicina, e em seguida, em 1953, passou a fazer seu internato em Psiquiatria.No Hospital Sainte-Anne conheceu Henry Ey, além de Jacques Lacan com quem teve uma convivência próxima ao longo dos anos sessenta. Em 1967 separa-se de Lacan em razão de desacordos teóricos e práticos, mas que nunca o impediram, apesar das polêmicas, de reconhecer os aportes de Lacan à teoria freudiana. Entretanto, foi com Winnicott e com Bion que ele preferiu caminhar e que contribuiu para serem lidos na França.

Ainda que a amplitude e a diversidade de seus trabalhos tornem difícil resumi-los, é possível discernir, em sua abundante obra, os fios condutores permanentes. O primeiro refere-se à questão dos limites. Muitas das obras de André Green versam sobre estados-limites, difíceis de classificar, situados entre neurose e psicose, particularmente "L'Enfant de ça", "Pour introduire uma psychose blanche", com Jean-Luc Donet, (Minuit, 1973), ou "La Folie privée", "Pychanalyse des cas-limites" (Minuit, 1990, Gallimard, "Folio", 2003).

A questão dos limites nunca deixou de preocupá-lo, inclusive a respeito dos poderes terapêuticos da psicanálise. Longe do triunfalismo, assim como da ilusão de ser infalível, Green não cessou de insistir, por lucidez, sobre as dificuldades e também os fracassos da psicanálise – como testemunha uma de suas últimas obras : "Illusions et désillusions du travail psychanalytique"(Odile Jacob,2010) – sem renunciar, entretanto, a traçar perspectivas para o futuro.

Segundo fio diretor: o foco sobre o trabalho do negativo na vida psíquica. Tendo começado pelos estudos de casos individuais com "Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte" (Minuit, 1983), suas reflexões continuaram especialmente com "O Trabalho do Negativo" (Minuit, 1993), e estendeu-se sobre a esfera da cultura com "Porquoi les pulsions de destruction ou de mort? (Panamá, 2007).

É em torno das especificidades da vida psíquica, da singularidade de suas relações com a causalidade, com o tempo, com os afetos, com o discurso vivo, que Green vai dedicar muitos outros trabalhos teóricos, confirmando de tema em tema esta evidência: o eixo central de sua investigação foi sempre delimitar aquilo que faz a coerência própria dos processos psíquicos, frequentemente muito diferente de nosso funcionamento intelectual cotidiano.

O SENTIDO DA EXPLORAÇÃO

Não podemos esquecer que esse homem generoso, apaixonado em amizade, curioso a respeito de tudo, continuamente atento a novas idéias, era também um grande amante da arte, da música e da literatura, como mostram seus estudos sobre Leonardo da Vinci, as tragédias gregas, Shakespeare, Joseph Conrad ou Henry James. Muitos volumes de homenagem a Green atestam sua influência sobre diversos autores, como o antropólogo Maurice Godelier, o helenista Jean Bollack, o neurologista Jean-Didier Vincent ou o poeta Yves Bonnefoy.

André Green faz pensar nos grandes humanistas da Renascença. Reencontramos nele os mesmos traços: apetite de saber, senso de exploração intelectual, gosto pelos diálogos, pelas descobertas e pelas polêmicas. E, a vontade de avançar na compreensão do enigma humano.

Mas, este novo humanista leu Freud, e levou-o em conta. Dedicou-se a isso com um sentido muito agudo tanto da pedagogia como do rigor intelectual. É isso que o faz, para todo o sempre, original e apaixonado.

Tradução livre: Nilde Parada Franch

imagens
www.media.photobucket.com
www.highresolutiontextures.com

O ANALISTA EM CONSTRUÇÃO

Cláudio Laks Eizirik

O analista é construído ou se constrói? O analista é construído ou está em construção? Desde que recebi o amável convite de Nilde Parada Franch para escrever este texto para a FEBRAPSI, uma antiga poesia, que durante um período foi muito popular e muito declamada nas rodas estudantis, passou a me rondar a cabeça: o Operário em construção, do saudoso Vinicius de Moraes, em que descreve a progressiva tomada de consciência de um operário sobre sua condição. Há um diálogo em que o operário, tentado pelas artimanhas sedutoras do patrão, que não conseguira dobrá-lo pela violência, acaba por dizer-lhe: não podes dar-me o que é meu! A poesia termina assim.

E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido?
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

Com isto, quero dizer que não acredito muito na noção de uma construção do analista, mas sim em um processo dinâmico, interminável e sempre incompleto de um analista em construção. Ao contrário do que concluía o poeta, em seu tom naturalmente elegíaco, penso que no nosso caso não há um analista construído, mas que talvez o que vivamos é uma oscilação entre estados mentais em que nos sentimos mais ou menos construídos ou em permanente construção; da mesma forma como oscilamos entre a tradição e a invenção ou a inovação, como estamos refletindo este ano, à luz do próximo congresso da FEPAL.

Como sempre, desde que em 1920 começou a formação analítica formalmente na Policlínica de Berlim, e com seus desenvolvimentos posteriores, é inegável que o tripé análise pessoal, supervisões e estudos teóricos e clínicos se mantém, e que, desde que a IPA, em 2006, finalmente entrou em contato mais direto com a realidade e aprovou os três modelos de formação, temos hoje mais tranqüilidade para reconhecer que esses aspectos tem inúmeras variações e nuances que se modificam de um instituto a outro. Quando os comitês encarregados de estudar o que se passava nos diferentes institutos examinaram com cuidado a situação verificaram, por exemplo, que o modelo Eitingon, o mais tradicional e prevalente, apresentava inúmeras versões, apesar de seguirem o famoso tripé. Como diria Freud sobre a técnica analítica, ela é como o xadrez, sabe-se como é a abertura e o fechamento, mas existem incontáveis variações no decorrer do jogo. De forma similar, visitando inúmeros consultórios analíticos, ao longo dos últimos anos, fiz a instrutiva constatação de que todos tinham um divã e uma poltrona, além de outros móveis, mas cada um tinha alguma característica que o diferenciava dos demais; por exemplo, a relação entre a poltrona do analista e o divã varia enormemente, com inúmeras posições, desde aquela em que o analista fica completamente fora do campo visual do paciente até aquela em que fica quase ao lado, bastando um leve mover de cabeça do paciente para vê-lo; em suma, o que quero dizer é que os institutos oferecem as condições para que um analista se construa, mas se isto vai ocorrer ou não dependerá de inúmeras variáveis rebeldes, como diria Roosevelt Cassorla.

Entendo que podemos ter a maior das boas vontades, e devemos de fato manter um rigor nos nossos procedimen-

tos de formação, bem como zelar pela coerência interna do modelo que adotamos, mas o analista se construirá ou não por razões que vão além de nossas melhores intenções. Costumo ler e ouvir, em diferentes latitudes, que o elemento central da formação é a análise pessoal do futuro analista e, em linhas gerais, estou de acordo com esta assertiva; mas, será que é sempre este o caso? Aqui gostaria de destacar a complexa trama de fantasias inconscientes, de projeções e dissociações que se estabelece, em quase todos os casos, entre o paciente, seu analista, seus supervisores, seus professores, seus colegas, as autoridades do instituto, a cultura institucional, a tradição de cada sociedade e suas inúmeras novelas familiares, tudo isto mesclado com as vivências de cada futuro analista com sua família, sua história, sua própria tradição e as fantasias de futuro que constrói em sua mente. Nos melhores casos, a análise pessoal será um espaço em que essas tramas serão alvo de exame, dentro das possibilidades de cada analista, que também está envolvido nessa trama, e dela participa, em fantasia ou na realidade; em muitas ocasiões, mesmo que a análise seja bem sucedida, e que o analista tenha a humildade de reconhecer seu papel transicional na vida do paciente e não fique esperando sua gratidão eterna (sob a forma de citações de seu nome em trabalhos, encaminhamento de pacientes, idealização, etc), ainda assim essa elaboração terá que ser feita a posteriori pelo futuro analista, através de sua auto-análise, observação dos fatos da vida institucional, experiência analítica e trocas de experiências com colegas e amigos.

Aqui entra uma questão que me parece estar esperando mais atenção: por que Freud teria tido a curiosa ideia de sugerir uma reanálise a cada 5 anos? Seria porque a análise daquele tempo era insuficiente ou muito rápida, ou porque captou, com sua argúcia usual, a natureza auto-limitada de todas as análise, e a poderosa presença das resistências ao inconsciente que fazem com que tenhamos a monótona tendência de reprimir, negar ou desmentir aqueles desagradáveis aspectos que nosso(s) analista (s) passaram anos tentando fazer-nos enxergar? Pode ser que eu esteja cometendo uma injustiça, ou sendo desinformado, mas tenho a impressão de que a prevalência de reanálises em nosso meio não é das maiores; lanço como hipótese de trabalho a idéia de que é muito difícil manter nosso instrumento afinado e afiado se não temos a humildade de recorrer a periódicas purificações psicanalíticas, como as chamava Freud.

Um outro aspecto que pode estimular ou não o processo de construção de uma identidade analítica é o clima institucional que predomina em cada sociedade ou instituto, bem como a forma como é visualizada, em cada cultura psicanalítica, a trajetória de cada futuro analista. Em que medida o pensamento crítico e independente é estimulado ou acolhido? Em que medida os procedimentos e regras tornam-se uma espécie de fetiche que deve ser obedecido porque sim? Até que ponto os analistas em formação são estimulados e acolhidos a ter suas próprias associações? Com que frequência as diferenças teóricas são acolhidas e ouvidas com respeito e interesse? Em que medida os currículos são flexíveis e incluem seminários optativos, permitindo que cada estudante de psicanálise siga seus próprios interesses? Até que ponto o clima institucional estimula os futuros analistas a participar de suas atividades e manifestar-se verbalmente nas reuniões ou a ficar num tímido ou temeroso silêncio, que só será quebrado muitos anos e incontáveis reuniões depois? Em que medida os temas relativos à formação analítica são discutidos contando com a participação daqueles que estão vivendo a experiência? Até que ponto nossas instituições revisam e modificam seus currículos, seus procedimentos e sua maneira de entender a formação analítica, à medida que o tempo passa e surgem novas idéias nacionais e internacionais sobre o tema e sobre o próprio processo de aprendizagem ? Penso que são algumas questões abertas, sobre as quais talvez pudéssemos refletir conjuntamente, sem qualquer pretensão de crítica ou de juízo de valor, mas apenas traduzindo o que tenho observado ao participar de incontáveis congressos e encontros em diferentes regiões.

A respeito da supervisão analítica, igualmente, existe uma ampla literatura, e sabemos que sua relevância varia conforme o modelo adotado; de qualquer modo, esta é uma área inegavelmente de grande impacto na construção de um analista, pois é uma relação mais livre que a análise pessoal, que pode ser um foco de estímulo e de trabalho conjunto e mutuamente enriquecedor, ou um espaço para uma transmissão de uma forma de pensar ou analisar centrada na figura e na autoridade do supervisor; trata-se de uma relação delicada, em que a manutenção de uma certa distância e assimetria, ao lado de uma forma espontânea e natural de trabalhar, exige constante atenção do supervisor; assim como a relação analítica, esta é uma relação naturalmente ambivalente, mas tem o potencial de ser um espaço de estímulo à criatividade e ao estabelecimento de uma forma independente de ser analista.

Até aqui, percebo que estou me referindo principalmente às estruturas que se propõem a construir ou estimular a construção de um analista.

E sobre esta pessoa que um dia dirá a si mesma que se sente um analista ?

Como nas áreas precedentes, há uma relativa bibliografia sobre esse complexo processo de tornar-se analista; considero particularmente úteis os textos em que analistas refletem sobre suas motivações e seu percurso

pessoal neste complexo processo de aquisição de uma identidade analítica, embora ao mesmo tempo me parece que a própria noção de uma identidade analítica pode encerrar um perigo, na medida em que privilegia a idéia de que a identidade analítica é obtida ou estabelecida, e não que se trata de uma obra em construção, ou um processo em desenvolvimento; para citar apenas três exemplos, me parece ilustrativo das vicissitudes desse processo o que se pode ler em Um analista engajado(1990), de Manuel Macias, sobre o percurso pessoal e profissional de André Green, num número especial de Psychoanalytic Inquiry (2005), em que vários analistas latino-americanos refletimos sobre nossas trajetórias individuais e no recente *Comment on devient psychanalyste et comment on le reste* (2010) de Daniel Widlocher.

O que se encontra nesses relatos, e o que incontáveis outros poderiam testemunhar é que cada analista se construirá a partir de uma série de motivações culturais, conscientes e inconscientes, identificações, experiências de vida, situações traumáticas, aspectos neuróticos do mais variado matiz, buscas de reparação, ideais, e assim sucessivamente.

Penso que um elemento central em tornar-se analista e assim permanecer nos anos seguintes está ligado à experiência clínica e ao acúmulo de horas analíticas, e à possibilidade de experimentar sucessos, fracassos e os resultados possíveis nos casos atendidos; poder compartilhar com um paciente suas mudanças psíquicas e a expansão de sua mente e de sua capacidade de sentir, amar e trabalhar ajuda a robustecer a crença (nos termos de Bion) em nosso método; tolerar os insucessos capacita-nos a ser mais humildes quanto aos alcances e limitações deste método.
Meltzer (1971) ressalta com propriedade o misto de atividade atlética e artística que há no trabalho analítico, e a importância essencial da simplicidade e da estabilidade na atividade clínica, algo que também uma vez ouvi de Bela Grunberger.

Talvez seja ainda mais difícil manter-se analista do que formar-se analista, face às inúmeras tentações de relaxar no trabalho indispensável com o inconsciente dentro de um campo analítico que necessita ser mantido e protegido constantemente. Uma vez concluídos os passos formais dentro de um instituto, cada analista seguirá seu caminho, e as inevitáveis vicissitudes de seu ciclo vital pessoal e profissional, enfrentando não só as dificuldades de um trabalho clínico exigente, como as circunstâncias de um meio que desafia a relevância e a validade da psicanálise. Manter-se analista significa poder tolerar ataques e desafios que vem naturalmente do próprio trabalho com o sofrimento psíquico, bem como de uma realidade externa muitas vezes ambivalente. Manter-se analista significa poder transitar entre a tradição e a invenção, sem pretender negar as inevitáveis oscilações de estado mental, nem as perdas e ganhos de cada etapa do ciclo vital. Como os analistas trabalham possivelmente por mais tempo que os demais profissionais, o processo do envelhecimento merece especial atenção, não só pelas limitações que pode trazer, como também pela maior acuidade clínica e pela maior coragem em enfrentar o trabalho analítico em contato próximo com níveis mais primitivos da mente. As instituições analíticas podem ter um papel relevante neste processo, na medida em que mantenham uma programação que se poderia chamar de formação analítica continuada, estimulante e inclusiva. Em que pese as inevitáveis desilusões de muitos analistas com suas instituições locais, nacionais e internacionais, ainda assim observo que um certo sentimento de nós, uma certa sensação de pertencimento, um certo orgulho de conquistas que podem ser obtidas pelo trabalho conjunto são elementos que podem ter uma função de continente para os diversos tipos de ansiedade já mencionados.

Existiria alguma forma de caracterizar como se sente um analista em seu trabalho? Em suas oscilações entre tradição e invenção? Em seus sucessivos estados mentais? Entre seus momentos de compreensão e não-compreensão, como diria Betty Joseph? Entre sentir-se construído ou em construção? Entre tantas possibilidades, à medida que escrevia este texto, e participava do luto nacional por Millôr Fernandes, me lembrei de um momento longínquo em que, na voz de Paulo Autran, ouvi estas palavras de Louis Javet e Jean Louis Barrault, coletadas por Millôr e Flávio Rangel para a peça Liberdade liberdade, e que talvez captem com mais argúcia do que as descrições analíticas, em que consiste a identificação com um ofício: "Sou apenas um homem de teatro. Sempre fui e sempre serei um homem de teatro. Quem é capaz de dedicar toda a vida à humanidade e à paixão existentes nestes metros de tablado, este é um homem de teatro".

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)

RS

ÉTICA E PSICANÁLISE

Bernardo Tanis | editor

"É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo buscar porque está doendo a morte de um facínora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram mineirinho do que seus crimes."
Lispector [1] (1964)

Com estas palavras inicia Clarice Lispector sua crônica "Mineirinho", uma reflexão aguda sobre a ética, a moral e a justiça a partir da execução de um criminoso. Uma interrogação sobre o desejo assassino, a lei, a transgressão, a violência no outro e em nós; deste modo adentra, com a sofisticação e a crueza inerentes a sua escrita, no território da ética, do frágil tecido que sustenta a ideia de civilização tão esgarçada pela barbárie do nosso cotidiano.

Com o advento da modernidade, profundas transformações ocorrem no campo da subjetividade. O centro ordenador transcendental, seja do cosmos antigo ou da Providência, perde força e serão substituídos pelas ideias de processo civilizatório, cultura e história que ditarão os padrões para uma nova ética cujo centro passará a ser relativizado, e nesse sentido mais frágil e precário. Chauí [2], (1992). Será neste novo cenário que emergirá a descoberta freudiana.

A tensão permanente que Freud assinala a partir da formulação da segunda tópica entre as demandas do Id e as barreiras impostas pelo super-eu, o conflito identificatório no campo do narcisismo e dos ideais, inauguram um novo modelo para ampliar a reflexão em torno da possibilidade ética do sujeito moderno. Atualmente vivemos aspectos intrusivos de uma cultura na qual as formas de poder aparecem mais difusas, mas nem por isso menos esmagadoras (consumo, narcisismos, controle, mecanismo de gozo, etc.), produzindo efeitos na construção dos ideais, das identificações. Sabemos que pensar e agir eticamente ultrapassa a esfera do eu, para nos lançar ao encontro do outro, porém identificam-se sinais de nova moral para o super-eu a partir da qual a ética como campo de contato com a alteridade parece estar comprometida. Novos desafios nos convocam se nos deixamos atingir pela diferença e pela alteridade.

O pensamento clínico contemporâneo com a ênfase outorgada ao lugar do outro materno (papel do objeto: Winnicott, Bion, Lacan, Laplanche, Green, e outros) na constituição subjetiva coloca a ética do objeto primário no horizonte da reflexão clínica da psicanálise. De onde derivamos também a urgência de uma reflexão em torno da ética na clínica atual dadas as importantes transformações[3] do lugar do analista.

A partir desse conjunto de indagações a equipe editorial da Revista Brasileira de Psicanálise concebeu este número ÉTICA E PSICANÁLISE

Os trabalhos temáticos que o compõem vêm de psicanalistas de diferentes regiões do Brasil, trazendo perspectivas diversas em torno do tema ética e psicanálise que nos convocam ao debate e à reflexão, vindo perturbar o nosso sono, nossos lugares de conforto. A riqueza desta reflexão em torno da ética se complementa com os instigantes e sólidos argumentos apresentados nos trabalhos de Interface nos quais os renomados professores: de filosofia, medicina e direito, desde seus respectivos campos de conhecimento apontam para a importância crucial de uma transdisciplinaridade quando tratamos da complexidade da dimensão ética da nossa existência no mundo atual.

A partir dos ricos debates que animaram a equipe editorial na preparação deste número tomamos conhecimento que a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) havia organizado um colóquio em 2010 cujo tema foi *L'éthique du psychanalyste*. Tomamos a iniciativa de contatar Bernard Chervet, Presidente da SPP, e o convidamos para uma entrevista sobre o tema, realizada em Paris, que enriquece nossa publicação.

Prestamos homenagem póstuma neste número à querida Sonia Curvo de Azambuja, analista didata da SBPSP que recentemente nos deixou. Sonia foi uma psicanalista apaixonada, dona de um pensamento criativo e vigoroso. Um espírito livre e incansável, promotora de uma reflexão sobre o exercício ético da psicanálise e da formação de analistas, como testemunha esta Carta a um jovem Psicanalista que aqui publicamos.

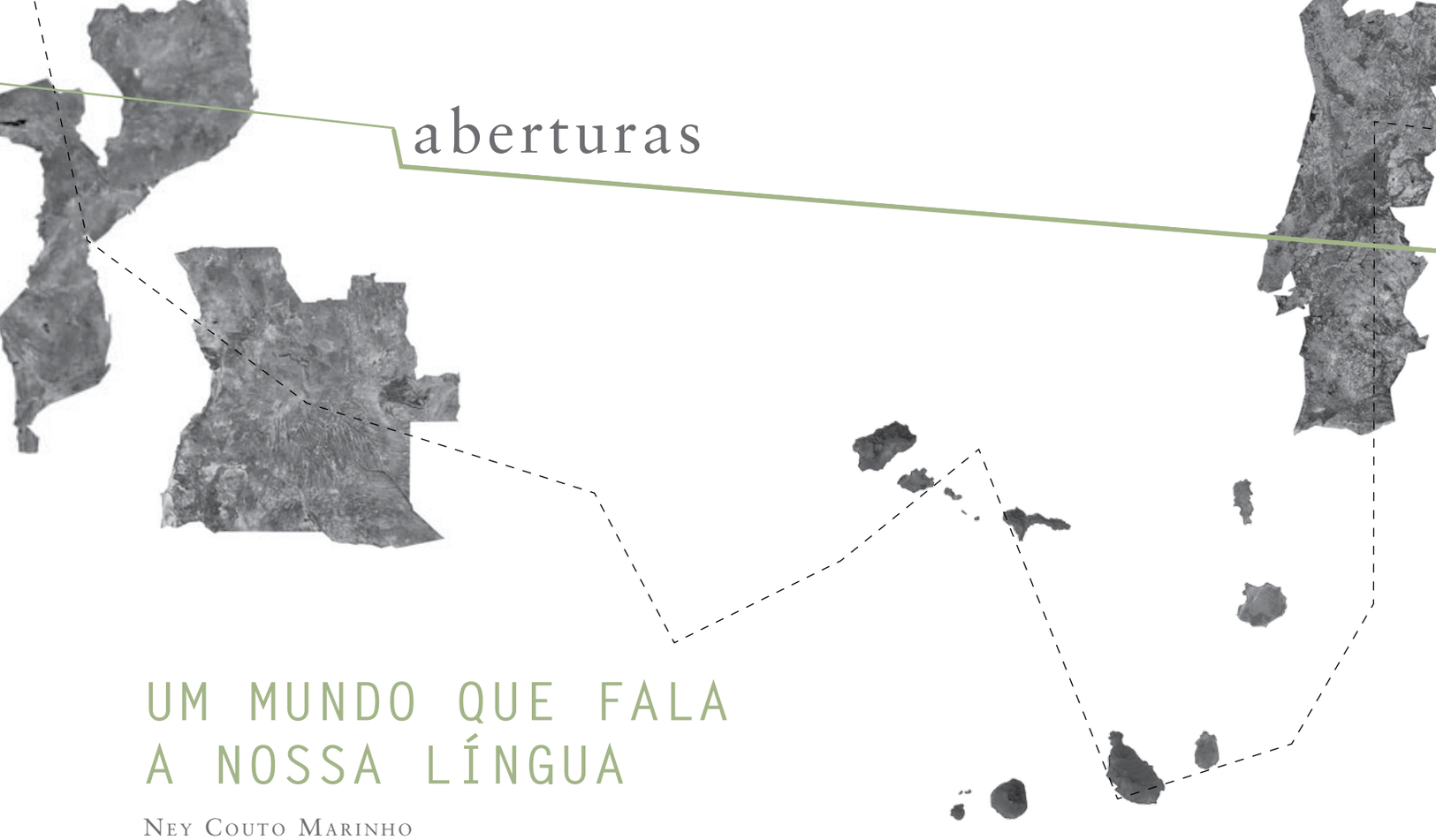
Acreditamos que os leitores brasileiros sentir-se-ão mobilizados e identificados com as inquietantes questões tratadas neste número. Desejamos a todos uma boa leitura.

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

1 **Lispector, C. (1964)** Mineirinho (pp.252). In. A legião estrangeira. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

2 **Chauí. M.(1992)** Público, privado e despotismo (pp. 345-399). In Ética. Adauto Novaes Org. São Paulo Companhia das Letras

3 **Ver Revista Brasileira de Psicanálise.** V. 44, n2, 2010. Cujo título é Variações e Fundamentos.



UM MUNDO QUE FALA A NOSSA LÍNGUA

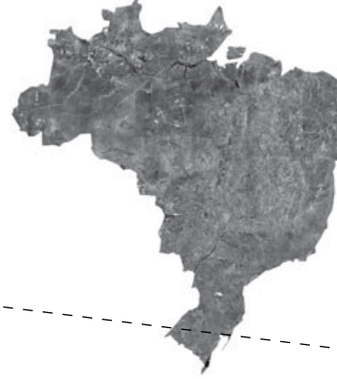
Ney Couto Marinho

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que inclui Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, tem entre os seus focos de interesse os cuidados com a saúde mental de sua população. No Brasil, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) tomou a iniciativa de ter uma participação efetiva nesse debate. Em janeiro de 2009, o então Presidente desta Sociedade (biênio 2009-2010), Pedro Gomes de Oliveira Lopes Junior, convidou o psicanalista Ney Marinho para organizar um encontro com os países de língua portuguesa dentro das comemorações do cinquentenário da SBPRJ. Foi então criada a Comissão Permanente de Intercâmbio SBPRJ – CPLP que promoveu o primeiro Encontro e passou a coordenar todas as atividades de intercâmbio com a CPLP. Este Encontro foi realizado no Rio de Janeiro em 2009, com o tema "A questão da saúde mental na Comunidade de Países da Língua Portuguesa". Os textos do I Encontro podem ser encontrados no número da Revista Trieb (vol.IX, nos. 1 e 2; julho/dezembro 2010), dedicado ao projeto de intercâmbio (Português: Língua e existências).

Em abril de 2011 um grupo multiprofissional composto por 28 psicanalistas, além de artistas, fotógrafos, diretor de cinema, escritores, médicos e advogados (38 brasileiros ao todo) participou do II Encontro SBPRJ - CPLP ocorrido em Maputo, capital de Moçambique, que teve por tema: "Psicanálise e Cultura, Sexualidade e Agressividade em Nossos Tempos e em Nossas Culturas". A ida à África trouxe uma riqueza ainda maior de experiências, trocas, emoções e aprendizado. O contato com um modo diferente de cuidar da Saúde Mental de seu povo, das 'ex-crianças soldados' – crianças africanas que foram forçadas a participar (algumas com 9 anos de idade) das guerras civis que ocorreram após a independência de seus países – trouxe um amplo questionamento a respeito das semelhanças e diferenças, e das possíveis convergências e divergências entre, de um lado a psicanálise e as terapias ocidentais, e de outro a medicina tradicional africana, o curandeirismo e as práticas populares. Como desejável em todas as intervenções psicoterapêuticas em contextos transculturais[1], a atenção e o respeito à diferença estiveram presentes: a manifestação da cultura local e das crenças populares na explicação e na cura das doenças mentais foi reconhecida como muito potente, em certos casos mais do que as visões ocidentais da psicologia, da psicanálise e da psiquiatria sobre o trauma e a dor psíquica. Por outro lado, o interesse dos estudantes e profissionais de saúde moçambicanos pelo tipo de compreensão simbólica oferecida pela psicanálise (inclusive na tentativa de traduzir e compreender a própria potência das curas tradicionais) é crescente, e os dois Encontros e demais atividades da Comissão Permanente demonstram vivamente que o intercâmbio entre o Brasil e os países que falam a nossa língua é muito profícuo. Febrapsi Notícias conversou com Ney Marinho sobre a experiência em Maputo.

FEBRAPSI: O alargamento de fronteiras gerado pelo intercâmbio científico e cultural com Maputo e o próprio trabalho com a CPPL, traz efeitos para o Brasil e para a Psicanálise Brasileira?

Ney Marinho: Nesse Encontro e no anterior, que inaugurou o intercâmbio com a CPLP, o que ocorreu foi fundamentalmente o resgate de um diálogo do qual por motivos históricos, geográficos e políticos fomos por longos



anos privados. Nossas relações com aqueles países, em particular com a África, são historicamente muito estreitas ao mesmo tempo que ignoradas. Temos agora a oportunidade de retribuir o que recebemos de nossos irmãos e ancestrais africanos, e trocar ricas experiências culturais. Embora, já há algum tempo, nomes como Mia Couto, Pepetela ou Cesária Évora sejam conhecidos por aqui, há muitos outros escritores, músicos, artistas plásticos e cineastas desconhecidos por nós. Assim, estamos dando nossa contribuição a um movimento de aproximação com a CPLP que se intensificou nesta última década e que tem aberto para nosso país amplas possibilidades de intercâmbio econômico, científico e cultural. Um exemplo paradigmático é o dvd que acompanha o número da Trieb acima citado. Numa de suas faixas está o clipe "Amor Cuidado", poesia de Elisa Lucinda, musicada por Wagner Tiso e Caíque Botkay, interpretada pelos mais expressivos nomes da música popular dois oito países membros da CPLP; intérpretes como Chico Buarque, Lenine, D. Ivone Lara, entre outros, se uniram ao grupo na campanha contra a Aids. Se lembrarmos que Maputo tem 20% da população contaminada, e que o Brasil tem uma das mais bem sucedidas campanhas de prevenção da Aids e financiou a construção de uma fábrica da AZT em Moçambique, podemos avaliar a importância desse novo tipo de relação política, intelectual e científica baseado na solidariedade e no reconhecimento de nossa histórica dívida com a África.

Do ponto de vista da Psicanálise, a riqueza de uma experiência multicultural, com suas profundas diferenças e surpreendentes semelhanças traz uma considerável ampliação de horizontes e protege-nos dos riscos de estreiteza mental a que estamos sempre sujeitos como pessoas, como psicanalistas e como Instituições psicanalíticas. A perspectiva de desenvolver pesquisas psicanalíticas transculturais é fascinante. Lembremo-nos que a CPLP alcança cinco continentes (não esqueçamos do Timor, cenário das pesquisas antropológicas que fundamentam Totem e Tabu).

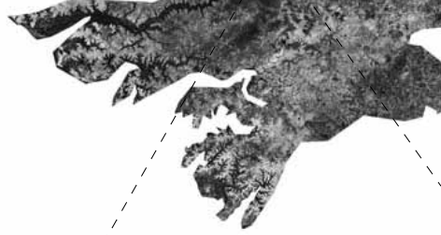
FEBRAPSI: Como foi a experiência dos psicanalistas com os diferentes profissionais que estiveram em Maputo?

Ney Marinho: Foi emocionante. Nossos colegas tiveram a oportunidade de conhecer o que foi a luta anticolonial e os dificílimos primeiros anos de independência de Moçambique, como foram para todos os países de nossa Comunidade. Ficaram tocados pelos danos desse processo de independência para a saúde mental da população, especialmente para as crianças, mas também pela enorme criatividade dos moçambicanos para enfrentar os desafios de uma vida independente. Não esqueçamos que atualmente Moçambique tem apenas seis (!) psiquiatras para uma população de mais de 20 milhões de habitantes. Para lidar com tal carência, treinaram técnicos de nível médio que atendem sob supervisão de um médico, e também desenvolveram ampla parceria com a medicina tradicional, ou seja, o curandeirismo, prática comum que chega a abranger cerca de 70% das primeiras consultas em várias regiões do país.

O encontro foi organizado de modo a que parte do tempo fosse dedicado a cursos de temas psicanalíticos e seminários clínicos (casos de adultos e crianças), e parte a mesas multidisciplinares, com a participação de psicanalistas, médicos tradicionais, escritores ou cineastas. Esse convívio, acrescido das refeições em comum e atividades culturais que foram oferecidas, permitiu que muitos preconceitos – de ambas as partes – fossem superados e novas amizades se estabelecessem. O ponto de vista psicanalítico foi então apresentado como um dentre vários outros, aberto ao diálogo e ao trabalho em conjunto. Entendemos sempre esse projeto como uma "via de mão dupla", oferecemos e recebemos, todo o tempo. Sugerimos a leitura do caso Pedrito, de Martha Braghin – trabalho que ganhou da IPA o prêmio de melhor texto sobre crianças traumatizadas pela guerra – e o de Boia Efraime, ambos sobre crianças-soldados e seu tratamento pela medicina tradicional e por psicoterapia de orientação psicanalítica. O primeiro é uma experiência em Angola e o segundo em Moçambique. Ambos estão no número da Trieb, já mencionado.

FEBRAPSI: A presença da SBPRJ no intercâmbio das questões de saúde mental com a África é reconhecível. Quais são os planos futuros?

Ney Marinho: O Prof. Antonio Palha, titular de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Porto, em Portugal, desenvolveu um magnífico trabalho através de seu curso de mestrado, formando psiquiatras africanos muito qualificados. Algo semelhante desejaríamos que a SBPRJ realizasse. Gostaríamos de torná-la um polo de formação psicanalítica para profissionais de saúde mental da CPLP. No momento, pretendemos levar adiante a proposta feita por Pedro Gomes e Gunther Perdigão (Secretário Geral da IPA, que teve uma intensa participação no II Encontro) e aceita pelos colegas moçambicanos, de criar um Centro de Estudos Psicanalíticos de Moçambique, a exemplo do grupo de Salvador, na Bahia, cujos estatutos eles estão estudando como modelo. A presença de Leonardo Francischelli, como Presidente da FEBRAPSI, também foi muito importante, pois desejamos trabalhar com nossa entidade nacional, e com outras Sociedades e instituições universitárias. Francischelli convidou colegas de Moçambique para participar de nosso Congresso em Ribeirão Preto, o que não foi possível na época, mas esperamos que se torne realidade



em Campo Grande. Nosso Presidente, Bernard Miodownick deverá fazer a solicitação de um novo convite à atual diretoria da FEBRAPSI. Outro projeto atual é o de responder à solicitação da direção do Hospital Psiquiátrico de Luanda (Angola) que nos procurou para que organizassemos um curso de especialização em Psiquiatria. Entramos em contato com o Instituto de Psiquiatria da UFRJ para estudarmos um projeto em conjunto. É também uma oportunidade de desenvolver o diálogo psiquiatria/psicanálise. Outra atividade de intercâmbio que já está em curso é nossa participação nos congressos da ASMELP (Associação de Saúde Mental de Língua Portuguesa), uma vez que fomos convidados a organizar, nesses congressos – muito prestigiados na África – a programação relacionada à psicanálise. Assim, já participamos com uma delegação de cinco psicanalistas do último congresso em Luanda e participaremos do próximo em Praia (Cabo Verde), no mês de janeiro de 2013.

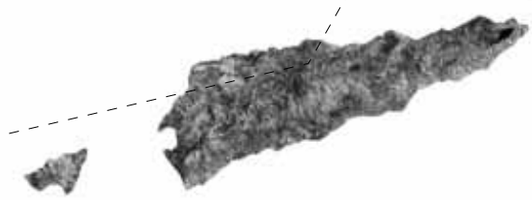
FEBRAPSI: As mudanças econômicas no panorama mundial colocam o Brasil numa posição estratégica bastante diferente do que o país costumava ter historicamente. O Sr. acredita que essas mudanças contribuíram para que o Brasil se tornasse um polo de conhecimento em psicanálise e em outras áreas, com condições de tornar-se referência e de veicular a transmissão a outros países, em particular aos países de língua portuguesa onde a psicanálise ainda não chegou? Como o Sr. vê essa possibilidade de intercâmbio entre Brasil e África?

Ney Marinho: Como você mesma observa, o Brasil vive um momento muito particular de desenvolvimento com inclusão social, e como não temos passado de colonialistas, somos muito bem recebidos pelos países da Comunidade. Por outro lado, a África também é muito atraente para diversas formas de investimento – econômico, técnico, científico e cultural – principalmente os países que superaram a fase de guerras civis e têm uma paz estável. Um exemplo desse novo papel que nosso país representa talvez seja o convite que recebemos – durante um congresso em Angola – para participarmos do I Encontro de Médicos de Língua Portuguesa de Macau (China) e a CPLP. Macau, agora integrada à China, tem grande interesse em participar da CPLP e servir de ponte entre o gigante chinês e particularmente os países africanos, além do Timor. O encontro foi um sucesso! Levamos o ponto de vista psicanalítico sobre o envelhecimento, com a colaboração da colega Miriam Fainguelernt que estuda há longo tempo esse tema específico para o qual fomos convidados a participar, uma vez que Macau é a segunda cidade no mundo em expectativa de vida (84 anos)!

Essa experiência de convívio com diversas culturas tem nos despertado para a importância de aprofundarmos a pesquisa psicanalítica sobre certos temas que são preocupações constantes nos diversos encontros em que participamos. Pensamos na violência contra mulheres e crianças, no preconceito (em todas as suas formas), nas curiosas manifestações de histeria coletiva (casos em Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe) e no vício do jogo, importante questão em Macau onde o jogo é livre, atraindo milhões de turistas chineses, uma vez que não o é na China Continental, embora faça parte da tradição chinesa. Há um vasto campo para a psicanálise dar sua contribuição, embora nem sempre estejamos preparados para exercer o papel que nos cabe.

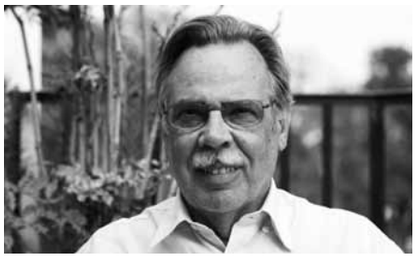
FEBRAPSI: A origem do povo brasileiro, resultado da miscigenação de índios, brancos e africanos, e a consequente sobreposição e interpenetração dessas diferentes culturas, gerou um universo de crenças bastante particular. Quando se fala de medicina tradicional africana, por exemplo, estamos tão distantes do terreiro de candomblé brasileiro, ou mesmo da busca de diversas curas espirituais que sabemos haver no Brasil (médiuns espíritas, Santo Daime etc.)? A experiência em Maputo pode nos dar pistas de uma possível articulação desse conhecimento com a psicanálise?

Ney Marinho: Uma das propostas mais ousadas da psicanálise foi apontar para nossa comum humanidade, e enfrentar os arcaicos preconceitos gerados numa aristocrática cultura ocidental. A extraordinária diversidade de práticas e culturas que encontramos no desenvolvimento deste projeto coloca-nos diante desta dimensão da experiência humana. Devemos observar tanto o diverso como o que há de comum entre nossos povos. Com relação aos métodos de tratamento mental a que sua pergunta se refere, creio que no Brasil a distância entre as crenças religiosas, espirituais e o universo médico e terapêutico é muito maior. A busca por tratamentos espirituais é muito mais comum e aceita nos países africanos com que tivemos contato, inclusive sendo independente da religião do "doente" e do curandeiro. O presidente da Associação de Medicina Tradicional de Moçambique que Fernanda Marinho e eu entrevistamos, no norte do país (Nampula), é muçulmano, enquanto os curandeiros, alguns presentes na entrevista, são de diferentes seitas cristãs. Pareceu-nos que o curandeirismo é sobretudo uma prática terapêutica, e não uma religião. O reitor da universidade do norte de Moçambique, Prof. Jorge Serrão, comentou que o grande apelo do curandeiro é a atenção que é dada ao paciente: a consulta dura uma hora, enquanto o médico ocidental mal olha o paciente e, cabisbaixo, limita-se a receitar. Interessante registrar também que o charlatanismo é combatido pela associação de curandeiros com tanto rigor como agem os nossos con



selhos profissionais.
Gostaria de encerrar esta entrevista agradecendo o formidável espaço que me foi oferecido pelo jornal da FEBRAPSI, que se constitui em importante estímulo para levarmos adiante este projeto, e gostaria também de listar alguns temas que poderiam ficar para outro encontro ou publicação. São eles: a aventura marítima portuguesa e a aventura psicanalítica; o preconceito e suas máscaras; a hospitalidade radical de Jacques Derrida; trabalhar na caesura: vidas em português; a retomada do diálogo Einstein-Freud, a guerra, a paz, a crueldade; a importância do exercício da solidariedade e de sonhar "o sonho impossível".
Darcy Ribeiro quando ouviu, no início dos anos 60, o projeto de José Aparecido de Oliveira de criar uma comunidade de países de língua portuguesa (países que ainda nem existiam!) disse: "Aparecido, você cravou uma lança na lua!"

1 Cf por exemplo os estudos e a prática de Tobie Natan, na França, inspirados no trabalho pioneiro do etnopsiquiatra Georges Devereaux, in "Psicoterapia ou Psicoterapias", in Cadernos de Subjetividade/ Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, 1993.



Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

entrevista

Leopold Nosek
presidente da Fepal

FEBRAPSI: Estamos muito satisfeitos com a oportunidade de conversarmos sobre a Federação latino-americana e sobre o Congresso, em outubro. Para começarmos, o que você pode nos contar sobre as federações de psicanálise?
Nosek: Assim como se criou a IPA em 1910, rapidamente foi criada uma federação americana, a Associação Americana de Psicanálise (APsaA), que sempre teve uma estrutura independente da IPA, com seus próprios standards e comitês de formação se encarregando da sobrevivência, manutenção e reprodução da psicanálise no continente americano. Os europeus também têm sua federação, a EPF. Eu diria que as duas federações são muito fortes; a americana porque gere a psicanálise independentemente da IPA, e a federação europeia pela difusão teórica das diversas escolas, pelo número de línguas que se fala e por representar um continente como a Europa. É claro que nós, latino-americanos, temos coisas em comum que seria interessante que pudéssemos compartilhar. De quinze anos para cá gozamos dos mesmos direitos das outras federações. Houve um tempo em que a presidência da IPA alternava entre Europa e Estados Unidos; agora, há o rodízio entre as três regiões. Somos um contingente enorme dentro da IPA, mais de um terço dos membros, e representamos a região onde o número de psicanalistas mais cresce. Encontrei a Federação latino-americana frágil no seu poder de influência, no seu poder organizativo e de integração. Para dar um exemplo, a federação europeia tem um congresso por ano, a americana tem dois, um de verão e um de inverno, na costa leste e na costa oeste. A atividade na América Latina é muito espalhada e nosso grande congregador é o congresso bianual. É importante que a Fepal se fortaleça. No meu modo de ver, as federações têm um potencial mais representativo e mais democrático do que a IPA, porque são federações de sociedades, enquanto a IPA é uma federação de membros e, embora não tenha a mesma representatividade, tem uma força política muito grande na administração de nossa ciência.

FEBRAPSI: Mas os membros, individualmente, têm força?
Nosek: Não. Penso que vale a pena reforçar a Federação latino-americana e, também, promover um intercâmbio mais amplo entre as três federações,

quase como uma força alternativa à centralização da IPA. A Fepal é bastante importante como potencial. Há uma enorme diferença cultural e histórica entre países, e o Brasil representa metade da Fepal, tanto em número de sociedades como em número de membros. Há outra característica: o Brasil olha para a França, olha para Londres e pouco olha para a América Latina. Não olha o que está acontecendo na Colômbia, no México, no Uruguai, na Argentina, mas sabe muito bem o que está acontecendo em Londres e em Roma... Por outro lado, somos pouco considerados tanto pelos de língua hispânica como pelos americanos e europeus. Isto está começando a mudar, mas estamos apenas nos passos iniciais.

FEBRAPSI: Você está sugerindo que não existe uma identidade latino-americana tanto em termos culturais quanto em termos de trabalho psicanalítico?
Nosek: Acho que até existe. Os problemas brasileiros não são parecidos com os problemas franceses ou ingleses; são mais parecidos com os da região, já que temos uma trajetória histórica em comum, assim, por exemplo, o colonialismo, a escravidão, o subdesenvolvimento, a perversa distribuição de renda etc. etc. O poder atrativo da metrópole é muito forte, temos muito que trabalhar no sentido de construção, não só da nossa identidade, mas de um amor-próprio latino-americano. Éramos considerados clínica e cientificamente pouco rigorosos porque não éramos aditos a uma escola e se suspeitava de um certo sincretismo teórico. O pensamento hegemônico no interior da IPA acompanhava a modernidade, em que os paradigmas eram muito estritos não só na área da psicanálise, mas até no movimento estético. Toda escola que surgia apresentava um manifesto e pretendia ser hegemônica e ditar normas. Com a queda do Muro de Berlim, a queda das utopias, a queda da importância do Estado, ficou ultrapassado pretender se apresentar como detentor de uma escola verdadeira. Então, o que foi sempre um demérito tornou-se potencialmente uma possibilidade de valor, porque trafegamos em literatura francesa, italiana, espanhola e inglesa. É comum um analista latino-americano ler em várias línguas. Temos uma clínica mais livre de dogmas, temos uma inserção maior na cultura e somos menos determinados por políticas estatais de saúde, assim como por consignas ligadas às companhias de seguro médico. Por outro lado é uma liberdade que surge também devido à absurda exclusão social em nossos países.

FEBRAPSI: Pelo que você está falando, talvez o fato de termos sido "colônia" tenha gerado o que se poderia chamar de um "efeito paradoxal": por termos demorado tanto para ter uma bibliografia psicanalítica em português, muito mais do que os de língua hispânica, fomos obrigados a transitar por outras línguas e "culturas psicanalíticas", e talvez tenhamos chegado a essa prática pós-escolas antes do que os próprios franceses ou ingleses.
Nosek: Sim. Penso que esta é uma qualidade, talvez pode ser interessante olhar para o nosso peculiar modo de aprender: temos um grande apreço pela antropofagia, e queremos recuperar isso publicando um revista de inspiração antropofágica...

FEBRAPSI: Vamos falar sobre a revista?
Nosek: Sempre tive intensa participação institucional. Apresentei a proposta de reformulação da Fepal na gestão do Cláudio Eizirik nos moldes da Febrapsi, cuja mudança foi feita na minha gestão em 1990: uma formação de diretorias plurissocietárias que é um modelo que funciona muito bem há tempos no Brasil. Estamos aprendendo a manejá-las, o que ainda é muito complicado em âmbito da Fepal, já que conversamos eletronicamente e nós, psicanalistas, precisamos de presença, nós somos bons de conversa em presença e somos horríveis em manejo eletrônico de alta tecnologia. Não dá para fazer análise por Skype, por internet, somos bons de conversar em presença, é isso que a gente sabe. Se por um lado manejamos apenas duas línguas, nossas distâncias geográficas, históricas, sociais e culturais são muito grandes e o Brasil, apesar de representar metade da federação, ainda é um estranho no ninho. Nosso próximo congresso será uma oportunidade de revertermos esse quadro. Voltando à revista, temos a revista da Fepal, cujo encarregado era o diretor de publicações. Fizemos uma mudança de estatuto e hoje a revista tem uma editoria independente das diretorias, com três editores por um período de seis anos e que não está sujeita a injunções políticas. São seus editores Mariano Horenstein, de Mendoza, e Ana Maria Azevedo, de São Paulo. O editor mexicano renunciou e deveremos apontar outro no congresso, que é quando vamos lançá-la com o nome Revista Calibán (que é aquele personagem que balbucia em "A tempestade", de Shakespeare). Lembrando o bispo Sardinha, tão bem degustado por nossos índios, buscaremos o conhecimento tornado "carne". Mas, por outro lado, como uma entidade regional, não podemos abdicar da universalidade, e em sua ideologia a revista não vai ter um caráter positivista, que creio ser antagônico ao espírito do nosso objeto de conhecimento, o inconsciente. Outra qualidade que nós temos na América Latina, em oposição aos outros centros, é que não estamos submetidos às políticas estatais de saúde, nem ao seguro-saúde e nem ao sindicato. Continuamos com a marginalidade confortável de um ser da cultura e não de um aplicador de técnicas que tem que ter uma determinada prova de utilidade. Nossa ideologia terá uma pretensão crítica.

FEBRAPSI: Essa liberdade levaria a

psicanálise do nosso continente a estar mais próxima da arte do que da ciência?

Nosek: Acho que estaria mais perto de uma filosofia crítica do que de uma filosofia positivista. Prefiro essa colocação. Ela é menos finalista, tende naturalmente a ser menos positivista. Nessa gestão pretendemos ter um programa político muito claro: implementar fortemente a Fepal para procurar uma força igualitária junto às outras federações; desenvolver o amor-próprio do nosso aporte que é único, valioso, e desfazer essa ideia de sermos receptores pouco rigorosos de um matiz rigoroso da matriz civilizatória; criar um veículo comunicativo forte, ou seja, é muito importante para nós a criação, a presença e a permanência de uma revista feita na nossa própria cultura. Temos uma tradição muito clara disso no Brasil e os editores hispânicos entenderam isso muito bem. Vamos abordar o movimento antropofágico criado por Oswald de Andrade nos primeiros números. Somos abertos às novas formas expressivas, somos mais abertos para entender uma instalação, uma performance, que são modelos de transformação e de expressão da realidade, de linguagem expressiva e comunicativa. Pretendemos que a revista seja publicada em papel, três números ao ano, rodada em espanhol em Buenos Aires e rodada em português em São Paulo, e uma versão eletrônica em inglês para fazer parte da bibliografia universal, porque se não fizermos em inglês não contemplamos esse aspecto internacional.

FEBRAPSI: Como você pensa que pode incrementar a Fepal?

NOSEK – Em primeiro lugar, reforçando o caráter federativo, comunicativo, entre os diferentes grupos e sociedades latino-americanos. O diálogo com as outras federações também é central. É claro que dois anos na presidência é um tempo muito curto. Estamos contentes que a revista está fora disso; ela vai ter uma editoria por seis anos. O ápice deste projeto se dará no congresso em outubro, em São Paulo.

FEBRAPSI: Como foi a escolha do tema para o congresso: "Tradição – Invenção"?

Nosek: Foi baseada na forte mobilidade em nossas sociedades latino-americanas, há uma adaptabilidade, um aqui-agora obrigatório. Quem de nós ainda hoje arrisca fazer um orçamento ou planejamento pessoal anual? Mesmo em congressos nos inscrevemos de última hora. Somos mais afeitos a incertezas e instabilidades. Não tínhamos tradição, ela é menor se comparada com a nossa parte de engenho. Teve a ver também com o modo como eu vejo a psicanálise. Acho que oscilamos entre memórias e traumático e, quando elaboramos as memórias, a neurose, não ficamos felizes, caímos no desconhecido do cotidiano que nunca tínhamos vivido antes. Caímos no traumático do viver cotidiano. Oscilamos entre esses dois pontos: sem a tradição você não vive, porque não pode inventar cerimônia de nascimento, de casamento, a cada nova situação; por outro lado, você não vive sem invenção. Inevitavelmente oscilamos entre o traumático e a neurose, entre a memória e o caos, por aí nos movimentamos. A ideia do congresso é que vejamos isso.

FEBRAPSI: Então essa ausência do hífen entre tradição e invenção...

NOSEK – É proposital para permitirmos ampla abertura. Pode-se falar: tradição E invenção ou tradição COM invenção, ou ainda tradição OU invenção etc. etc., cada autor usa a conjunção que melhor lhe aprouver, vamos conversar... Não há nada mais difícil, improvável e necessário em nossas organizações do que poder falar e poder ouvir. Esperemos que tenhamos algum êxito. Que possamos conversar!

FEBRAPSI: Não é apontado um caminho...

Nosek: Claro, e há também lugar para os mais radicais: já há tradição demais, está na hora de olhar para a invenção ou até ver que estamos inventando demais, que temos que voltar... Está em aberto. Propositalmente colocamos somente as palavras. Vejam que no cartaz do congresso os publicitários inventaram a poltrona sobre o divã, o que pode significar muita coisa. Nosso recado visual permite muitas interpretações. De qualquer forma, de propósito, não quisemos fazer mais um cartaz com imagens de Freud, de esfinge ou do Édipo. Já chega, creio que é muito do mesmo, muita repetição e pouca surpresa.

FEBRAPSI: Há um tanto de invenção aí. Achamos bem inventivo o cartaz. Talvez seja o nosso modo continental de exercer a psicanálise.

Nosek: Acho que uma parte importante do congresso é a parte não oficial: a orquestra sinfônica de jazz vai fazer uma apresentação de músicas latino-americanas na abertura; a Cinemateca está disponível para o ciclo de cinema. Mudamos a data do congresso para que ele ocorresse ao mesmo tempo que a Bienal de São Paulo. Acho que vamos ter um grande congresso. Além do que é usual em nossos congressos - congresso da OCAL e pré-congresso didático -, teremos grupos de discussão clínica, os *working parties* e também uma discussão de dia inteiro, no sábado, o Primeiro Encontro Interfederativo com participação de analistas de fala portuguesa e espanhola das três federações. Terá como tema: "Como traduzimos o inconsciente em linguagem consciente". Discutiremos a partir de material literário e clínico. Como tudo no congresso, privilegiaremos o diálogo. Já temos muitas participações confirmadas de analistas europeus.

FEBRAPSI: Quem poderá participar?

Nosek: O congresso está aberto obviamente a todos analistas da Fepal e OCAL, além de estudantes e profissionais das ciências psi e afins. Poderão

participar todos que estiverem interessados em discutir sobre a psicanálise, a contemporaneidade, a cultura.

FEBRAPSI: Será que a divulgação atinge lugares mais distantes, como as universidades no Norte, do Nordeste do país?

Nosek: Para isso contamos com a Febrapsi, com o site que é facilmente acessível, e há ainda o boletim que enviamos semanalmente. A Febrapsi tem uma posição forte, ela é representativa de um território muito grande; quando fala em fórum internacional é um interlocutor fortíssimo.

FEBRAPSI: Porque congrega todos os presidentes brasileiros.

Nosek: Nós temos potencial para receber mais de 2 mil pessoas no congresso, com possibilidades de ampliação. Pré-publicamos os seis trabalhos mais de um ano e meio antes, as várias sociedades estão discutindo os trabalhos plenamente e vamos pedir para os autores que, quando falarem em português, projetem o seu trabalho em espanhol e vice-versa. Trata-se menos de apresentar um manifesto científico e mais de apresentar pequenos trechos que permitam uma conversa. Trabalhos enviados a prêmios que versarem sobre os temas "Excesso" e "Tempo", que serão temas da Revista Calibán, mesmo não sendo premiados, mas com boas pontuações do júri, podem vir a ser publicados, segundo decisão exclusiva dos editores.

FEBRAPSI – Muito obrigado pela sua disponibilidade, é sempre muito bom conversar com você.

Nosek: Eu que agradeço a gentileza de vocês e a oportunidade de dialogar com nossa comunidade. Reitero que informações mais detalhadas podem ser obtidas no site da Fepal e do congresso: *www.fepal2012.com*

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

inquietações brasileiras

O DESAMPARO EM FACE DA IMPUNIDADE

Maria Olympia França

A reflexão ética é um exercício delicado, que requer senso de antecipação: ela não busca tanto descrever os valores, mas antes compreender como estes podem se transformar e nos transformar. Tentarei refletir sobre a inter-relação entre desamparo e impunidade.

O instrumento que a psicanálise nos oferece possibilita aprofundar nosso olhar para os engodos culturais da contemporaneidade, sejam os arremedos de amor de suas lideranças egocentristas, sejam as injustiças sociais centradas no poder autoritário e na cultura consumista. Essas injustiças baseiam-se na perversão, da qual faz parte a impunidade, sempre recheada de mentiras e traições. Obviamente, a psicanálise não elimina o conflito mental, ao contrário, ajuda a instalar essa marca única do Homem. Ajuda-o assim a não se deixar seduzir pelo automatismo e pelo viver ilusório, levando-o a se conscientizar desses perigos e a se conduzir pelo respeito ético à sua autonomia subjetiva e à inserção construtiva no âmbito social.

Em uma carta escrita em 1930 a Romain Rolland, Freud admite que "a psicanálise tem sua escala de valores, mas seu único objetivo é a harmonia enaltecida do Ego, esperando-se que consiga ser o intermediário entre as exigências da vida instintiva (o Id) e as do mundo exterior, entre, portanto, a realidade interna e externa" [1]. As exigências culturais opostas ao desejo individual abrem caminho para recalcamentos ou transgressões. A autoridade responsável (o Não do pai) será essencial para a mediação desses conflitos, isentando-os ou não de limites e/ou punições. Assim, as atitudes ou atos éticos articulam-se sempre e necessariamente com a questão do sujeito em sua relação com a cultura.

Os direitos humanos são apenas uma ficção, uma criação ética de normas a partir de cada cultura. Há, no entanto, uma exceção universal, que se refere ao direito de tornar humana a própria condição biológica, exigência feita àqueles que o geraram e que regem seu destino social. A psicanálise preconiza que a adultez, meta do desenvolvimento humano, somente é atingida quando o desamparo constituinte inicial do ser vivente pode se abastecer da e na interação humana psicoafetiva com seu semelhante. Trata-se de uma função parental por excelência, que também deve ser exercida pelo Estado como responsável pela Lei. Esse é, a meu ver, o estatuto ético básico da psicanálise, pois a condição para constituir-se humano não é apenas um desejo, mas uma exigência de sobrevivência.

Nas palavras de Freud, "o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais" [2]. Esse desamparo inicial do homem refere-se tanto a algo de natureza orgânica e biológica quanto à ordem do psíquico-afetivo. A implantação do psíquico no corpo biológico se dará pela qualidade afetiva com que o bebê é alimentado e tratado pela vida afora por seus pares [3]. Disso decorrem, como modelos, as introjeções e identificações posteriores, assim como a qualidade de seu autorrespeito. Para que a qualidade afetiva das interações humanas seja favorável ao desenvolvimento humano, é preciso que se exerça a necessidade humana da Lei, a lei paterna da permissão e da interdição, conjuntamente com a punição à transgressão. A punição não é oposta nem ao amor, nem ao desejo, e é antes limite do que castigo. A impunidade, associada ao desrespeito à dignidade humana, tão banalizada em nossos tempos (talvez sempre tenha sido assim...), fere frontalmente o direito de voz autônoma de cada ser vivente. Fere ainda, como consequência, a formação da identidade e o estabelecimento da autoestima pessoal e da nação. Pela falta de punição ao que não for de justiça individual ou coletiva, ficamos sem balizamento para o equilíbrio entre ambas. Isto se refere também ao intrapsíquico, isto é, aos nossos desejos de vida e de morte diante das interdições de nossa cultura. A impunidade remete-nos igualmente ao Objeto inanimado e inominado, ao homem matéria, funcionando como ativador para o modelo regressivo no qual sujeito e objeto, então confundidos, são ao mesmo tempo transgressores e injustiçados. "A primeira exigência da civilização", diz Freud, "é a da justiça, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada, não será violada em favor de um indivíduo. Isso não acarreta nada quanto ao valor ético de tal lei." [4]

"O conflito ético decorre também do fato de que os impasses entre pulsão e cultura são estruturais, e não conjunturais, o que revela a intransponível situação de desamparo psíquico-político em que se encontra o sujeito num mundo sem autoridade e submetido às exigências da Cultura." [5] Após a Revolução Industrial, por exemplo, teria o Homem passado a não ser mais um artesão, mas uma peça da indústria que "produz" sua arte, usurpada esta pelo Poder dos mais fortes? Não seria isto um ato de injustiça cultural, isento de punição, em nome do progresso?

Para enlaçar essas ideias quanto ao desamparo em face da Impunidade, Freud proporcionou-nos muitos elementos, iniciando nos textos Totem e Tabu (1912) e O mal-estar na civilização (1930), e detalhando o enfrentamento da dinâmica do desamparo em O Ego e o Id (1923). Nesses textos, ele enfatiza a articulação entre desejo e culpa, levando-nos a pensar no eterno ciclo da repetição e na relação entre frustração, culpa e proibição, tão logo os homens se defrontem com a tarefa de viver juntos. Para Freud, esse conflito está destinado a se expressar no complexo edipiano.

É essencial a dissolução desse complexo edipiano para a constituição do ego e de sua possibilidade de solidariedade como respeito aos direitos alheios. A integração da personalidade se dará na medida em que as figuras parentais reais ou do Estado realizem o que lhes compete: amparar o desenvolvimento fazendo face ao nosso desamparo e, concomitantemente, usando de suas autoridades para limitar ou punir as transgressões, que sempre se referem às injustiças, sejam estas pessoais ou públicas. Não estamos tratando com isto de conselhos morais ou religiosos, mas sim de observações de fatos pertinentes à passagem do homem biológico ao pensante e reflexivo; à conquista de sua autonomia e de sua possibilidade de interagir com seus pares, construindo o espaço em que habitam.

---

1 **Freud, S. (1982)**. Correspondência de amor e outras cartas (pp. 456-457). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

2 **Freud, S. (1974)**. Projeto para uma psicologia científica. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas (Vol. I, p. 422). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

3 **Cf. Freud, S. (1974)**. Projeto para uma psicologia científica. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

4 **Freud, S. (1974)**. O mal-estar na civilização. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas (Vol. XXI, p. 116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

5 **Matteo, Vincenso Di (2008)**. Os discursos éticos de Freud. In Conferência apresentada em mesa-redonda do Congresso da Fepal. Rio de Janeiro.

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

leitor

Convidamos os leitores a fazer uso desta nova seção, enviando-nos seus comentários e sugestões: nildefranch@gmail.com

eventos

29º CONGRESSO FEPAL: INVENÇÃO – TRADIÇÃO
de 10 a 13 de outubro de 2012
Local: Sheraton Trade World Center
Av. Das Nações Unidas, 12.551
Brooklin Novo – São Paulo, SP

SPPA - XIV SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE DO NÚCLEO DE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA
Histórias contadas, histórias construídas
de 10/5 a 12/ 05

SBPRP - TRANSFORMAÇÕES PENSADORES SINGULARES DA PSICANÁLISE
Uma homenagem à James Grotstein
de 15/6 a 16/6

SBPdePA - V JORNADA DE LACAN NA IPA - O REAL, O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO
O sujeito e o sintoma no século XXI
de 15/06 a 16/6

SPR - XVII JORNADA DE PSICANÁLISE DA SPR E XIII ENCONTRO DE PSICANÁLISE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
de 10/08 a 11/08

SPMS - VIII SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE DO MATO GROSSO DO SUL, em parceria com a Universidade Católica Dom Bosco e com a FEBRAPSI.
Tema: "Medo e Paixão"
de 17/08 a 18/8

destaque

Tomou posse em 10/03/2012 em Campo Grande, MS, a nova diretoria biênio 2012/2013 da ABC, composta por:

Joselane Campagna da Silva
(Presidente)
Deise Cabral Comparin
(Vice- Presidente)
Odete Koltremann
(Tesoureira)
Thalita Gabinio
(Secretária)

Será realizado nos dias 25 a 28 de setembro 2013, no centro de Convenções de Campo Grande, MS, o XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise cujo tema é:
SER CONTEMPORÂNEO: MEDO E PAIXÃO

CONSELHO DIRETOR

Presidente
Gleda Brandão Coelho Martins de Araujo

Secretária Geral
Silvia Helena Heimburger

Tesoureira
Rosaura Rotta Pereira

Diretor do Conselho de Coordenação Científica
Admar Horn

Diretora do Conselho Profissional
Ana Paula Terra Machado

Diretora do Depto de Publicações e Divulgação
Nilde J. Parada Franch

Diretora de Relações Exteriores
Anette Blaya Luz

Diretor Superintendente
Sérgio Antônio Cyrino da Costa

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Admar Horn
SBPSP: Leda Hermann
SPRJ: José de Matos
SBPRJ: Wilson Amendoeira
SPPA: José Carlos Calich
SSPR: Maria Guimarães Lima
SBPdePA: Astrid Muller Ribeiro
SPPel: Lúcia Valquiria Souza Grigoletti
SBPRP: Beatriz Troncon Busatto
APERJ_RIO 4: Lindemberg Rocha
SPMS: Leila Tannous Guimarães
GEPMG:Rosãlia Lage Martins Bicalho
GEPG: Selma de Oliveira Barreiros Porto
GEPFor: Rosane Muller Costa
GEPCampinas: Ana Maria de França Carneiro

DEPTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editora
Nilde Parada Franch

Co-Editora
Sandra Maria Gonçalves

Corpo Editorial
Maria Aparecida Duarte Barbosa
Maria do Carmo Groke
Patricia Vianna Getlinger
Suely Gevertz

Revista Brasileira de Psicanálise

Editor: Bernardo Tanis (SBPSP)
Editora Associada: Alice Paes de Barros Arruda

Assessoria de Comunicação e Imprensa
José Luiz Sombra (FENAJ 12932/54/94)

Site
Q&I- Qualidade e Informática

Projeto gráfico e Diagramação
Três Design

Revisão
Carmen Simões Costa

Gráfica
Vida e Consciência

SECRETARIA
Renata Lang Marcel

EXPEDIENTE

Federação Brasileira de Psicanálise
A. N.Sra de Copacabana 540, sala 704 - RJ
CEP 22020-001
Tel/Fax 55 21 2235.5922 / 2545.5138
e-mail: febrapsi@febrapsi.org.br
site: www.febrapsi.org.br